

Expectativa de acerto com os bancos

GAZETA MERCANTIL

19 JUL 1990

*ainda
Exl*

por Celso Pinto
de Paris

O Brasil quer resolver sua situação com os bancos privados internacionais ainda antes do final deste ano, disse a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, em dois momentos de sua estada, ontem, em Paris. A este jornal ela disse que sua expectativa de um rápido acerto está baseada na disposição de alguns bancos em negociar, alguns deles como um grupo, através de um comitê de bancos, outros em separado.

Banqueiros da Alemanha com quem ela conversou na terça-feira, em Colônia, acenaram com a hipótese de uma negociação específica que atenda a seus interesses. A ministra acha que outros grupos de bancos poderão também estar interessados em montar alternativas, próprias. Já o presidente do Citibank, John Reed, que esteve no Brasil na semana passada e defende o papel do comitê, acabou dizendo que, vencidas algumas barreiras,

um acordo entre o Brasil e os bancos poderia ser feito em não mais que duas semanas.

Reed foi a Brasília para falar com o presidente Collor, mas só o fez depois de falar com a ministra. Ele alertou para a reclassificação dos créditos brasileiros e ameaça de cortes nas linhas de curto prazo, mas não teve muito eco. A reclassificação era esperada, disse a ministra a este jornal, e nós vamos continuar no nosso cronograma.

Em Paris, ela mencionou a disposição de fecharem acordo ainda neste ano, pela manhã, num encontro com o diretor do Tesouro francês e presidente do Clube de Paris, Jean Claude Trichet, e repetiu um pouco mais tarde numa palestra para cerca de vinte principais executivos de grandes grupos econômicos franceses.

No seu primeiro encontro do dia, com o presidente do Banco da França (banco central) e ex-diretor gerente do FMI, Jacques de Larosière, ela havia ouvido um conselho exatamente nesta direção. O Brasil, disse-lhe Larosière, não deve dar a impressão de que precisa manter os atrasos de juros como ponto de apoio do programa de ajuste. Por esta razão, deve começar o mais rápido possível uma negociação com os bancos.

O cronograma externo, de todo modo, continua o mesmo, ela explicou a Trichet. Primeiro um acordo com o FMI, na melhor das hipóteses no final de setembro, depois de um acerto com o Clube de Paris e, finalmente, com os bancos privados. Também permanece inabalável o desejo de montar um acerto definitivo com os bancos que não esteja baseado na geração de superávits crescentes, como ela repetiu em todos os seus encontros, inclusive com o influente ministro da Economia francesa, Pierre de Bérégovoy.

O ministro da Economia francês foi muito positivo com ela. "A questão central em países como o Brasil é ter dinheiro novo e para isso é preciso restabelecer a confiança", disse ele. "O que se está fazendo no Brasil é na direção do restabelecimento da confiança", completou.

A certa altura, ele perguntou o que a ministra esperava da

(Continua na página 25)

O Departamento do Tesouro Nacional está estimando entre Cr\$ 11,2 bilhões e Cr\$ 11,5 bilhões o superávit fiscal na execução do orçamento geral da União no mês de julho. O resultado positivo das contas do governo deve-se ao aumento da arrecadação e ao menor preço das despesas com a folha do funcionalismo. A redução nas despesas com pessoal está sendo estimada em 4%.

(Ver página 9)

19 JUL 1990

Expectativa de acerto com os...

por Celso Pinto
de Paris

(Continuação da 1ª página)

Europa e da França em particular. A ministra respondeu que esperava reciprocidade na abertura comercial e cooperação para atrair capital estrangeiro, algo importante no momento em que as atenções estão voltadas para o Leste europeu. Bérégovoy, ao final, ofereceu apoio francês junto aos organismos internacionais e junto aos investidores franceses.

O encontro com Trichet tinha uma agenda mais complicada. Até julho o Brasil já deve US\$ 2,1 bilhões em atrasados de créditos oficiais ao Clube de

Paris. Logo no início da conversa, a ministra brasileira esclareceu que sua visita não era para abrir uma negociação formal, algo que só acontecerá quando o acerto com o Fundo tiver sido completado, talvez em dois meses.

Ela prometeu, contudo, tentar resolver outro problema. O acordo feito com o Clube de Paris em 1988 até hoje não foi ratificado, bilateralmente, com alguns países, inclusive os Estados Unidos. Com a França, o acerto bilateral foi assinado mais não efetivado por problemas técnicos. Trichet disse que queria resolver esses problemas antigos e a ministra concordou em cooperar. No

caso da França, uma missão do Tesouro irá, em um mês, ao Brasil tentar acertar a questão.

De Larosière, um antigo conhecedor do problema brasileiro, elogiou a disposição do País em atacar em conjunto o problema de estabilização ao lado do problema das reformas estruturais. Muitos países ficam apenas no esforço de estabilização, observou. Lembrou de suas dificuldades passadas na França e deu sua receita: a inflação só foi eliminada quando, em 1983, acabou a indexação dos salários. Hoje, a França tem uma inflação inferior à da Alemanha.

Dizendo conhecer ainda "muitos atores" no Fundo,

ele ofereceu seu eventual apoio pessoal ao Brasil. No final de 40 minutos de conversa ele levou a ministra para conhecer a "Galeria de Ouro", uma coleção de arte montada por um filho bastardo de Luís XIV. A ministra ficou encantada.

A palestra e o almoço com os empresários, na residência do embaixador brasileiro, deram a contraface da percepção privada do ajuste brasileiro. Estavam presentes, entre outros, os principais executivos da Rhone Poulenc, da Matra, da Thomson, da Saint-Gobain, da Elf Aquitaine, da Renault, da Alcatel, do Credit Commercial de France, do Banque Nationale de Paris, do Pa-

ribas, do Credit Lyonnais, da Peugeot, além do irmão do presidente da República, Robert Mitterrand. Foi o time mais pesado de empresários que a ministra encontrou até agora em seu giro europeu.

Foi uma conversa franca. O presidente da Alcatel, Stéphan Guérin, queria saber quando o Brasil iria abrir mais o setor de telefonia para investimentos externos. Ouviu em resposta que o governo está fazendo esforços para aumentar a competitividade. A impressão de Guérin, pelo que ele comentou com alguns presentes, é que o Brasil está atrasado vinte anos tecnologicamente no setor de telecomunicações.

Bernard Lorain, diretor da Société Générale, queria saber se o Brasil estaria disposto a pagar juros aos bancos antes de completar a negociação. Ouviu em resposta que os juros só serão pagos quando a negociação for retomada.

Charles de Croisset, diretor do Credit Commercial de France, listou vários motivos de preocupação em relação ao Brasil: a suspensão recente na remessa de dividendos, a perspectiva de uma economia mais difícil neste ano e os atrasos aos bancos. A

ministra disse que a inquietação era compreensível, mas, em função das mudanças que estão sendo feitas, os investidores externos deveriam olhar para um horizonte de longo prazo e não se concentrar em problemas imediatos.

Mais tarde, no almoço, ele disse à ministra estar impressionado com o tamanho do ajuste fiscal que está sendo feito. Perguntado se havia ouvido dela alguma indicação mais precisa sobre o pagamento dos juros, ele disse que não e completou: "Ela é muito dura".

Marc de Nadaillac, diretor-gerente do grupo Saint-Gobain, com grandes interesses no Brasil, perguntou se o governo seria capaz de superar as tensões e pressões sociais. A ministra disse que o governo já está sendo capaz de superar as pressões contra as mudanças. A este jornal, ele disse que imagina que os próximos seis meses serão cruciais para o Brasil. O grupo, de todo modo, está retomando os investimentos programados no País e, embora ele tema por dificuldades, especialmente na área trabalhista, vê com bons olhos as mudanças que estão sendo feitas pelo novo governo.